



53ª Reunião Plenária Ordinária do CONFEMA

11 de maio de 2010 – 9:30 horas

PAUTA

Informes:

Expediente:

- I. Aprovação da ATA da 52ª Reunião Plenária Ordinária do CONFEMA de 27 de abril de 2010;
- II. Sugestão de inclusões na pauta.

Ordem do dia:

- I. Apresentação do Projeto da sede do Parque da Cratera pela Diretora Anita Correa de Souza Martins – DEPAVE 8;
- II. Apreciação e Deliberação sobre Ajuste Orçamentário do Projeto Curso Básico Ecologia da Associação Beneficente Cultural e Social da Cidade Tiradentes – SOASE, Aprovado pelo Edital FEMA 7 (processo de nº 2010 - 0.077.553 - 0);
- III. Apreciação e Deliberação sobre Ajuste Orçamentário do Projeto Educando de Olho no Tietê do Instituto Navega São Paulo, Aprovado pelo Edital FEMA 7 (processo de nº 2009 - 0.344.747 - 5);

Anexos:

ATA da 52ª Reunião Plenária Ordinária do CONFEMA de 27 de abril de 2010;



Coordenadora Helena Magozo: Bom dia a todos e a todas, nós vamos dando início a **"53º Reunião Plenária Ordinária do CONFEMA, do dia 11 de Maio de 2.010"** as 9:30h, aqui na Secretaria do Verde e do Meio Ambiente no térreo. Então nós vamos começar pela aprovação da "Ata da 52º Reunião Plenária Ordinária do CONFEMA, de 27 de abril de 2.010", que vocês receberam por e-mail. Então os conselheiros que são favoráveis a aprovação da "Ata da 52º Reunião Plenária Ordinária do CONFEMA, de 27 de abril de 2.010", levantem a mão. Então a **"Ata da 52º Reunião Plenária Ordinária do CONFEMA, de 27 de abril de 2.010", está aprovada por unanimidade.** Sugestão de inclusão na pauta. Então vamos para a ordem do dia, nós vamos só inverter, começar pela apreciação e deliberação dos ajustes e depois nós vamos ter apresentação do projeto da Sede do Parque da Cratera, pela DUC, pela diretora e pelos técnicos da divisão de Unidades de Conservação. Eu queria antes de submeter a apreciação e deliberação, explicar porque nós temos essa constancia, já estamos tendo essa constancia de retorno dos projetos e vamos continuar tendo que é pelo seguinte, é que foi fechado o entendimento de procedimento orientado pelo jurídico e que nós obviamente acolhemos. Quando um projeto é aprovado com condicionantes, antes da assinatura do convênio a entidade tem que apresentar resposta condicionante, tem que voltar a condicionante para a CAV e voltar para o CONFEMA, então esse é um caso, mas ainda em situações que a CAV colocou uma condicionante, que o CONFEMA não necessariamente incluiu na sua deliberação, mesmo assim tem que ser solicitada essa complementação, esse reajuste a entidade, passa de novo pela CAV e volta pelo CONFEMA. Uma questão que está sendo muito recorrente é o seguinte, o Edital coloca que a contrapartida da entidade tem que ser pelo menos 10% sobre o valor total do projeto, muitas entidades calcularam esses 10% sobre o valor financiado pelo FEMA e muitas vezes passou despercebido, tanto na CAV como aqui, então hoje nós estamos bem atentos a isso, mas esses primeiros que nós falamos, realmente nós não prestamos atenção o suficiente nisso. Então nós vamos estar voltando com estes ajustes, ou de outra ordem, ou de uma grande maioria para esses 10% que devem recorrer sobre o valor total. Então é até importante falar isso para vocês, para vocês ficarem atentos em outros que cheguem e que eventualmente podem escapar do pente fino e é importante vocês estarem atentos para isso. Então nós temos 02 projetos hoje que estão voltando para apreciação e deliberação sobre ajuste orçamentário, nós vamos estar começando com o "Projeto Curso Básico de Ecologia", da Associação Beneficente Cultural e Social da Cidade Tiradentes SOASE, aprovado pelo Edital FEMA Nº 07, processo 2010 0077 553 0. Então o processo esteve a disposição dos senhores e no caso é o que está sendo pedido reajuste, é sobre a questão técnica da contrapartida, sobre o valor total e não sobre o valor do FEMA. Então eu vou ler o posicionamento da CAV.

"Projeto Curso Básico de Ecologia"

Instituição Proponente: Associação Beneficente Cultural e Social da Cidade Tiradentes, SOASI.

Valor Total do projeto: R\$107.970,00.

Valor financiado pelo FEMA: R\$ 97.173,00.

Valor da contrapartida: R\$ 10.797,00. (10% sobre o valor total).

O projeto tecnicamente não sofreu alteração, mantendo-se a avaliação técnica em relação ao mesmo, conforme folhas 31 e 32. A entidade procedeu a adequação do valor da contrapartida que deve incidir sobre o valor total do projeto em atendimento ao Edital FEMA Nº 07 de 2.009, as folhas 95 e 96. Devem ser considerados, portanto os seguintes valores:



Valor financiado pelo FEMA: R\$ 97.173,00.

Contrapartida: R\$ 10.797,00.

Total do projeto: R\$ 107.970,00.

Todos os demais termos da avaliação se mantêm inalterados e são reafirmados agora nessa deliberação e então a CAV assina esse posicionamento. Alguma pergunta? Podemos ir para a deliberação? Os conselheiros que são favoráveis a aprovação do "Projeto Curso Básico de Ecologia", mantendo todos os elementos da avaliação anterior acrescentado esse reajuste no valor da contrapartida, levantem a mão. Então o **"Projeto Curso Básico de Ecologia", está aprovado por unanimidade.** Agora nós temos o projeto "Educando de Olho no Tiete", do Instituto Navega São Paulo, para apreciação e deliberação sobre ajuste orçamentário, ele foi aprovado pelo Edital FEMA, processo 2.009 0344 747 5. Nós remetemos ao CONFEMA a solicitação que veio da Secretaria de Governo Municipal, que todos os convênios de mais de R\$ 100.000,00 tem que ter autorização do prefeito, então eu vou ler o que estão pedindo, a Secretaria de Governo Municipal. O assessor jurídico fala para o chefe de gabinete e ele acolhe esse posicionamento. Dados da proposta de celebração de convênio, formulada pelo Instituto Navega São Paulo, apresentadas nos termos do Edital FEMA Nº 7/2.009, objetivando a realização de um processo de conscientização sócio ambiental, envolvendo educadores da rede pública de ensino de regiões, onde há grandes problemas de poluição difusa de córregos, tudo consoante se depreende do projeto encartado as folhas 02 até 108, aprovado pela resolução 100 CONFEMA 2.009, as folhas 110 e 111. Contudo entendo sem melhor julgamento que previamente a remessa dos autos ao crivo do excelentíssimo Sr. prefeito, deva ser complementada sua instrução com a adoção das providencias que seguem: Juntadas de modificativo pelo Instituto Navega São Paulo, visando compatibilizar o projeto original em especial no que tange ao orçamento e cronograma de execução, aos termos da avaliação das folhas 112 e 113, que em seguida eu vou ler para vocês, readequação da reserva de recursos em termos do projeto modificativo apresentado, após os autos poderão ser novamente encaminhados a esse Gabinete para apreciação e deliberação, é o que submeta sempre a criteriosa apreciação e deliberação de Vossa Excelência. Então se nós formos remeter a 112 e 113, o que acontece, no parecer da CAV eu acho que vocês vão até lembrar que foi uma discussão que nós tivemos aqui, no parecer da CAV, é o seguinte: O projeto pretende sensibilizar alunos e professores de toda São Paulo quanto a poluição e degradação do rio Tiete, a inovação do projeto está em realizar atividades de educação ambiental prévias ao estudo de meio. Após a solicitação de ajustes dessa CAV, recomenda-se o financiamento do projeto desde que seja retirado o valor correspondente a atividade 1. 2, contratação de assessoria de imprensa no valor de R\$ 17.000,00, tal pagamento segundo a CAV, fere a clausula 1, parágrafo 6, item 11, do Edital FEMA 07, após solicitação de ajustes, essa CAV considera a viabilidade técnica e financeira do projeto e seu enquadramento nas leis do SISNAMA, na Lei 14887/2.009 que reestrutura a secretaria, na política municipal do Meio Ambiente e Educação Ambiental e também o seu enquadramento na diretriz anual na temática água estabelecida pelo CADES, resolução 126 de 2.009, desde que seja retirada o valor correspondente a atividade e contratação de assessoria de imprensa no valor de R\$ 17.000,00, tal pagamento fere a cláusula 1.2. . Então o que foi constatado é que efetivamente não foi retirado no orçamento, este valor, então é solicitado para a entidade e a entidade retira após essa manifestação da Secretaria de Governo Municipal os R\$ 17.000,00. Então eu vou ler agora como ficou o posicionamento da CAV após esse retorno da entidade.

"Projeto Educando de Olho no Tiete"

Instituição Proponente: Instituto Navega São Paulo.



Valor Total: R\$ 102.924,00.

Valor FEMA: R\$ 90.450,00, daí foram tirados os R\$ 17.000,00.

Contrapartida: R\$12.494,00.

O projeto tecnicamente não sofreu alteração, mantendo-se avaliação técnica em relação ao mesmo conforme folha 112, 113, a entidade procedeu a adequação correspondente a retirada do valor da atividade 1.2 em atendimento ao Edital FEMA Nº 07/2.009 cláusula 1, parágrafo 6º, item 11, devem ser considerados por tanto os seguintes valores:

Valor financiado pelo FEMA: R\$ 90.450,00.

Valor de contrapartida: R\$ 12.494,00.

Total do projeto: R\$ 102.924,00.

E a CAV assina. Então vamos para a deliberação? Os conselheiros que são favoráveis a aprovação do projeto "Educando de olho no Tiete", do Instituto Navega São Paulo, mantendo-se todos os termos da avaliação da folha 112 e 113 e atendendo inclusive essa avaliação, tendo se procedido a adequação do item solicitado pela CAV e reiterado pelo CONFEMA, quem é favorável a aprovação do projeto nesses termos levantem a mão. Então o projeto "**Educando de olho no Tiete**", do **Instituto Navega São Paulo, está aprovado por unanimidade**. Agora então nós vamos passar a apresentação do projeto da Sede do Parque da Cratera, pela diretora Anita Correia de Souza Martim do DEPAVE 8, aí também cabe o esclarecimento, porque não sei se vocês estão lembrados, eu acho que talvez a Zânia lembre, o Ferrua talvez, a Cristina e o Eduardo não, talvez pouco provável, nós já tivemos a apresentação desse projeto no CONFEMA, o que aconteceu, quando ele foi apresentado, ele foi apresentado como uma possibilidade de uso de um recurso que tinha sido depositado pelo Ministério Público e que teria que ser usado em monitoramento ambiental. O entendimento era que uma sede, em uma área da importância ambiental do Parque da Cratera, cumpriria esse papel de monitoramento, controle da área, mas o Ministério Público não aceitou essa destinação do recurso do Ministério Público, que portanto está na caixa do FEMA para esse uso. Então esse recurso ainda não foi usado para essa finalidade de monitoramento, porque ainda nós estamos dependendo do fechamento do termo de referência para a contratação desse serviço, então esse recurso ainda para essa finalidade e com a clareza que o Ministério Público colocou que é satélite, é imagem, que é o monitoramento por satélite mesmo, então ainda está em andamento na Secretaria, de todo jeito nós temos recursos suficientes no FEMA, não crédito de carbono, nós temos um compromisso de estarmos executando cada vez melhor o recurso do FEMA e o pessoal da DUC está reapresentando o projeto, mas para um recurso FEMA não crédito de carbono e não para esse recurso do Ministério Público, então é por isso que eles estão voltando, eu acho que vai ter também uma diferença de quando eles apresentaram para hoje, tem elementos novos, então é por isso que eles estão retornando porque aquela destinação não se concretizou. Então Anita, por favor.

Anita Correia: Bom dia a todos, meu nome é Anita Correia, eu sou diretora da Divisão de Unidade e Conservação, é o DEPAVE 8, do Departamento de Parques e Áreas Verdes e a minha apresentação vai ser breve e vai mostrar a vocês uma espécie de histórico de como esse parque foi criado, a origem dos recursos de criação do parque efetivamente de desapropriação da área, e o pessoal do DEPAV 1,



eu acho que a Elaine vai fazer a apresentação e a empresa que foi contratada para elaborar o projeto Arquidomos Arquitetura fará a apresentação mais técnica do projeto. Então o parque natural municipal da Cratera de Colônia foi o primeiro parque natural municipal criado nos moldes do sistema nacional de unidades, foi o primeiro parque natural municipal criado pela Secretaria do Verde e do Meio Ambiente nos moldes da Lei Federal, que é o Sistema Nacional de Unidade de Conservação, é um parque voltado para preservação, educação ambiental, ecoturismo e pesquisa científica, então ele já se diferencia dos parques que já eram gerenciados pelo DEPAV, pelo DEPAV 5, que é uma das divisões do nosso departamento e o DEPAV 8, então além das áreas de proteção ambiental que já existiam como a Capivari Monos desde 2.001, nós a partir de 2.006 tivemos encarando esse desafio de um parque natural municipal. Então existem duas legislações relacionadas a criação desse parque, então uma primeira lei que autorizou aquisição desses terrenos e aí eu vou explicar para vocês como isso foi feito e o decreto 48423 também de 2.007, que de fato criou o Parque Natural Municipal da Cratera, aqui vocês vêem a localização, ali o mapa do município, em baixo onde está a parte amarela e esse parque está totalmente inserido na área de proteção ambiental Capivari Monos foi a primeira unidade de conservação criada pela municipalidade em 09 de junho de 2.001 e no seu perímetro uma das áreas mais importantes que é a área da cratera de colônia, que é uma área tombada pelo CODEFAT em processo de tombamento pelo COMPRESB esse parque foi criado, aí vocês observam em vermelho é o limite do parque e a parte de cima naquela figura do meio é o condomínio vargem grande, uma ocupação em processo de regularização agora, mas bastante complicado, existem 30.000 pessoas morando naquela região, uma série de equipamentos públicos, escolas, agora esgotos, enfim, existe uma situação de permanência dessas pessoas que ao longo dos anos infelizmente se perpetuou e também existe um presídio do estado nessa área, embora ela tenha toda essa legislação que deveria resguardar a sua qualidade ambiental e suas características, ela tem todas essas pressões enormes na área, e o parque foi umas das tentativas, é lógico que ele deverá ser ampliado e nós já temos umas propostas para isso no plano de manejo justamente para tentar preservar o que sobrou dessa área com as suas características naturais. Então essa é a Lei que criou, que autorizou a aquisição dos terrenos e aquele decreto inicial ele está no extremo sul do município inserido na cratera de colônia, na APA Capivari Monos ele tem 53 hectares, ele inclui porções de encosta e de várzea da cratera, não sei se vocês todos conhecem o que é a cratera de colônia, mas é um possível impacto de um corpo celeste, provavelmente um meteoro, aproximadamente há 36.000.000 de anos atrás, que formou essa estrutura circular e na verdade a partir de todos os processos naturais que existem na área você resguarda várias possibilidades de conhecimento sobre o clima passado, pretérito, a vegetação que ocupou aquela região, então por isso essa área foi tombada e ela tem essa importância grandiosa não só pelo processo de tombamento, mas pela criação dessas outras proteções naturais que nós temos empenhado ao longo dos anos. E qual a origem dos recursos? O que aconteceu, ela vem de um termo de compromisso de compensação ambiental firmada entre o Ministério Público, IBAMA e Furnas Centrais Elétricas, no momento de licenciamento de um *** que cruzou essa área de proteção ambiental Capivari Monos, eles não consideraram o processo em curso de criação da área de proteção ambiental que já estava em última instância na Câmara Municipal e não houve recurso de compensação destinados a essa área de proteção ambiental, então foi movido essa ação civil, pública, pelo Ministério Público, e Furnas então teve que cumprir essas obrigações que seriam a implantação de um Parque Natural Municipal que é uma unidade de proteção integral nos moldes da legislação federal, ela também teria que arcar com o projeto base e com o executivo da sede do parque que será apresentada pelo pessoal que está aqui, que foi contratado a partir de uma licitação feita por Furnas a partir de diretrizes do DEPAV 1 que é a nossa divisão de projetos, o cercamento da área, a sinalização, o georreferenciamento, o plano de manejo, essas partes todas estão caminhando, estão quase concluídas, o projeto está concluído, o cercamento está concluído e a sinalização ainda não, porque depende do georreferenciamento, ele está sendo fechado agora, o plano de manejo foi executado também por uma empresa, a parte de diretrizes do DEPAV 8 nossas, atendendo a todas as orientações do IBAMA, dos roteiros metodológicos e agora nós estamos em fase final de aprovação desse produto, ele vai ser submetido ao CADES também, uma necessidade assim que ele tiver fechado e avaliado como adequado pelos técnicos da nossa divisão e aí vai ser a primeira unidade de conservação do município que vai ter um plano de manejo concluído e aprovado, e um projeto de educação ambiental que também está sendo



finalizado, ele se conclui agora no aniversário das APAS no mês de junho e teve uma série de atividades voltadas tanto para as escolas, para as comunidades do entorno. Aqui é mais uma foto para vocês verem, essa parte de várzea que vocês vêem essa vegetação mais baixa, mais rasteira e lá na frente ele passa junto ao Ribeirão Vermelho e no começo do condomínio Vargem Grande, ali a esquerda é o presídio que eu comentei com vocês do Estado, existem 1.000 detentos nesse presídio, não existe saneamento nesse presídio. Aqui são mais fotos, ali a vegetação de várzea, bem característica, aqui é o próprio Ribeirão Vermelho e isso passando dentro do parque, o Ribeirão Vermelho é um tributário da Billings, uma área muito importante, ali vocês vêem a vegetação, o epífitas, enfim. Agora eu vou pedir para a Iuri, que é a agrônoma da nossa divisão fazer uma apresentação, porque essa sede vai ser implantada em um local do parque onde foi necessário um licenciamento para remoção da vegetação, ela vai falar em que lugar foi escolhido, quais as razões e como isso foi feito. Obrigada.

Iuri: Bom dia a todos, eu vou falar especificamente sobre o local de implantação da Sede e nós procuramos uma área que pudesse haver menor supressão vegetal, tentou também pegar uma construção já existente, mas isso não foi possível, então escolheu uma área próxima que foi próxima a estrada de Vargem Grande, foi localizada uma área, é naquela pontinha vermelha ali que está no mapa da direita, que é uma área que tem poucas espécies nativas, a maioria e as que tem são pioneiras, alguns eucaliptos e com predominância de lírio do brejo. A grande vantagem dela foi porque é uma clareira como vocês podem ver e seriam suprimidos poucas espécies, nós pedimos autorização de supressão de 32 espécies, dessas 32, 24 são espécies nativas pioneiras, todas com DAP ainda muito pequena e 8 eucaliptos, que até agora estão em avaliação no DPA, esperando autorização. Como compensação já foi feito a memória de cálculo de quanto que teria de compensação e foram 584 mudas, essas mudas não serão plantadas na área do parque cratera de colônia, primeiro porque nós não temos área livre para isso, uma pouca área que ainda sugeriram é uma área de Várzea, então não seria adequada para o plantio dessas mudas, então elas vão ser plantadas de acordo com a designação das subprefeituras, etc. Quanto a área é isso, o pessoal do DEPAV 1 vai apresentar sobre o projeto em si mesmo, por favor.

Elaine: Bom, então nós já vamos... Eu sou a Elaine do DEPAV 1, a Anita nos procurou eu acho que em 2.007, no começo de 2.007, eu tinha acabado de entrar aqui na secretaria, para desenvolver a sede desse parque, o DEPAV 1 na verdade, a expertise dele a desenvolver projeto de parque, mas de parque urbano, então esse foi uma novidade, foi um processo de muitas reuniões com a duque para entender o que era o parque natural, qual era o funcionamento do parque natural, quem vai no parque natural, quando ele vai, ele vai fazer o que, então é um programa bem diferente do programa que nós estamos acostumados e a partir dessas reuniões é que começou a se desenvolver o programa e o projeto da área, muitas visitas também no local, a Anita colocou aqui já a localização em relação a cidade, aqui nós estamos com um trecho da zona sul e colocando ele aqui bem no extremo, era a primeira unidade de conservação, então na verdade nós queríamos desenvolver um projeto que fosse um modelo diferente de tudo que nós fazíamos, o grande diferencial da área é ser um remanescente de Mata Atlântica, então na verdade a beleza toda do local está pela vegetação e o que tem na vegetação, é uma área que é grande, mas como vocês viram ela é super cumprida e o objetivo do parque é a preservação da vegetação, a pesquisa e a educação ambiental, então o programa do parque, ele na verdade ficou por conta desse objetivo. Aí tem uma coisa que é muito legal, o pessoal da duque está super acostumado com esse tipo de trabalho, para nós que não conhecíamos tanto, quando nós começamos a ir para lá era uma surpresa enorme, nós nos embrenhamos no meio do mato e percebemos algumas condições que eram bastante interessantes, essa história de só de imaginar que foi um meteorito, eu não sei há quantos milhões de anos atrás e que isso pouquíssimas pessoas conhecem essa história da cidade, na área do parque quando você chega, isso aqui é uma boa caminhada, mas você consegue chegar até aqui, você consegue ver esse anel de quase 3 km, que é uma coisa super impressionante e super bonita e que você enxerga pedaços na verdade, porque você tem na verdade uma vegetação super bem formada e você vai



enxergando pedacinhos disso, então o projeto cada vez que nós íamos lá nos percebíamos que nós tínhamos que ser muito delicados e que tinha que ser uma coisa que não criasse nenhum impedimento, mas que na verdade convidasse as pessoas para entrar nessa área. Aqui só para fazer a referência com a foto aérea e olhar aqui o acesso pela área, é uma área cumprida e que na verdade o acesso ele se dá por essa estrada da Vargem Grande, acho que tem uma foto agora no próximo que é essa estrada aqui, uma estrada de terra, mas que tem energia, nós temos fora o parque e tem algumas propriedades de agricultura, você passa por algumas alfaces de vez em quando, quando você está visitando o entorno, quando nós fomos logo foi feito o cercamento e essa identificação já tem hoje lá essas plaquinhas indicando um pouco onde está a área e o pessoal da duque já tinha encontrado essa clareira que eu acho que está nas próximas fotos, que na verdade para nós que temos no imaginário aqueles filmes americanos que o pessoal está andando e eles encontram uma clareira para fazer uma fogueirinha, aqui na Mata Atlântica a clareira não é isso, é uma área que quando nós chegamos ela tem bastante vegetação, ela é uma área mais aberta, é uma área que bate sol, porque você não tem grandes árvores no local, então essa é a parte que nós víamos mais aberta dessa clareira. Aí mais algumas imagens de vistoria que nós fizemos, e aí nós começamos então a pensar no projeto e começou a ter algumas referências, então tudo que é branco nesse slide é verde na verdade, são árvores, nós temos a estrada e nós tínhamos uma clareira, na verdade essas eram as principais árvores de DAP maior, aqui que não está registrado tem alguns eucaliptos e isso aqui é na verdade aquela vegetação que nós vimos nas imagens posteriores, então a partir dessa área é que nós começamos a pensar em um projeto de implantação da sede que atendesse aqueles objetivos que nós tínhamos colocado. Aqui de fundo nós temos aquela mancha principal, então nós tentamos com o projeto ocupar a maior parte dessa mancha e trabalhar com o conceito na verdade que era de criar uma forma para quem está chegando no parque, chegando pela estrada, criar um marco, um visual aqui que apresentasse que inicialmente era placa com o nome do parque e depois avançando no projeto esse marco aqui na verdade são as placas foto voltaicas para produção de energia e uma passarela que na verdade ela corta o parque e é como se ela fosse um convite para entrar dentro da mata e o parque na verdade a Sede se desenvolve dentro dessa edificação. Aí dá para ver mais ou menos essas bolinhas aqui que na verdade são as referências das árvores existentes, então aí dá para ver mais ou menos o que nós precisamos cortar dentro dessa área que como eles colocaram são as 32 espécies, 24 nativas e os 8 eucaliptos, que parecem bastante 32, mas dentro dessa área que é super fechada é o mínimo possível. Aí tem um pouco além da edificação tem as estruturas que vão ajudar isso a funcionar, então os painéis solares que ficaram esse marco de entrada, no final vai ter essa imagem disso aqui que acabou no desenho ficando quase que uma árvore estilizada, um estar nós precisamos entrar um pouco aqui porque para a educação ambiental nós vamos ter que ter ônibus estacionando, chegando, até ir levando as pessoas, em cima aqui a caixa d'água, quiosques para atividades fora e a parte de tratamento de esgoto que depois o Francisco vai explicar direitinho, então olhando a edificação em si que é o projeto que nós estamos aprovando e nós temos essa entrada, esse marco que na verdade como o solo é bem úmido, a edificação ela está um pouco elevada do solo e essa passarela na verdade ela sai do nível da estrada e ela chega no edifício fazendo com que isso seja completamente acessível, você tem todo o edifício no mesmo patamar e depois você tem uma rampinha que vai descendo e que você consegue entrar dentro da mata por essa rampa, daí para frente não é mais acessível, porque o espaço não é acessível, você vai ter o terreno natural que é o terreno do parque, então você tem a rampa e depois nós temos a parte administrativa que na verdade isso aqui é um balcão que dá para quem está chegando aqui, aqui você tem a parte de apoio onde vão ter os equipamentos, aqui nós só temos uma divisória que na verdade é uma grande estante vazada, o edifício ele tem muitos momentos de transparência onde você sempre está vendo a vegetação ou vendo o que acontece do outro lado, então aqui onde vai ficar a parte de recepção e de vigilância e aqui você tem uma outra parte estrutural, porque aí é a parte mais técnica mesmo, você tem uma central de energia, telefone, computador, uma área de armazenamento. A outra parte do programa é a parte de educação ambiental, ela ficou toda desse lado, então o visitante que vem nos ônibus das escolas, eles entram e todas as atividades deles vão ser desenvolvidas aqui do lado de cá, então aqui é uma grande sala de educação ambiental, esse espaço aqui é um espaço que pode ser feito exposição, ou coffee break, vai ser feito aí um lanchinho, ele é todo organizado, então nós temos um conjunto de sanitários acessíveis aqui e tanto para o lado



de cá quanto para o lado de lá isso tudo se abre e você na verdade vai está em baixo de uma cobertura, mas você vai ter tudo isso aqui aberto para o parque e essa parede é a parede cega que vai ser a parede onde vão ter as projeções, onde todos os trabalhos vão estar colocados. Isso aqui é uma varanda que na verdade ela também é incorporada ao espaço da educação ambiental, aqui que na verdade ele também é formado por um banco aqui de fora a fora e essa escadaria aqui dá direito, você está no mesmo nível da rampa, mas também de uma escadaria que quando o pessoal da educação ambiental que também visita a área da mata mesmo na volta a escada também é utilizada para tirar o barro do pé, tem um ponto de água para as pessoas lavarem as mãos, tudo antes de entrar no edifício. Essa parte já é a parte da pesquisa, para nós foi super interessante imaginar como a Anita colocou, a área tem bastante interesse de estudo e em São Paulo nós não temos uma área hoje que pode abrigar pessoas que vem de fora para estudar a região, então a Anita falou: Eu preciso de um alojamento. Aí nós falamos: Mas quem que vai vir e dormir? Ela falou, vem gente do Brasil inteiro, que pode vir e pode alojar aqui, então nós temos uma pequena área de alojamento onde nós temos 03 beliches, uma área aqui para colocar mala, os banheiros também acessíveis já com chuveiro, uma área de cozinha que também é uma área de estar, porque se você pensar que a pessoa vem e fica alguns dias estudando, a cozinha lá também vira um estar e a parte de pesquisa que na verdade é uma sala com uma mesona no meio e lugar para armazenar o material, também esse espaço ele se abre para essa varanda e nós temos a mesma condição de nós termos essas áreas de pontos de água para o pessoal trazer o material, lavar o material antes de trazer para a pesquisa, tem o mesmo bancão aqui geral, e aí está marcado a área das varandas que na verdade essa área externa que também é um espaço, que também vai funcionar acho que bastante como educação ambiental, conversas. Essa é a cara que o edifício tem, essas áreas aqui são as áreas que se abrem para a paisagem, essa aqui então é a rampa que ela fica completamente vazada e aqui na verdade o que nós estamos vendo são algumas clarabóias que trazem luz natural para as áreas que estão mais distantes das janelas, aquelas áreas que ficam entre os banheiros, por exemplo. Esse é uma lateral mostrando aqui o acesso da estrada e depois a outra rampa, o edifício bem elevado do solo, aí já com as duas rampas e a escadinha, essa é a vista na verdade do alojamento, então essas são as janelinhas, você tem uma cama aqui, a outra cama aqui do beliche e na lateral você tem a janelinha. E na verdade nós desenvolvemos o projeto até essa fase e fez o termo de referência para contratar um escritório para desenvolver o projeto executivo e além desse desenho nós também colocamos várias, porque inicialmente nós definimos alguns materiais, mas o escritório contratado ele foi responsável por pesquisar esses materiais e definir o que seria mais sustentável, avaliando o tempo de vida do material, então as vezes nós achamos que madeira é sempre a melhor solução, mas em algumas situações que você tem uma área de muita umidade ou que você vai precisar de uma infra estrutura, um peso maior, uma carga maior, as vezes o ferro pela vida útil dele ele passa a ser mais sustentável, então o escritório na verdade ele ficou de levantar tudo isso, de definir a questão da energia solar e de definir o tratamento de esgoto, o reuso da água. Então na verdade nós fizemos o desenho geral pensando nessas coisas, mas contratou um escritório que está bastante acostumado com projetos sustentáveis, tem na sua bagagem diversas informações sustentáveis para desenvolver mais especificamente essas questões. Então eu vou chamar o Francisco que é da arquidomos arquitetura para apresentar essas especificações do projeto.

Francisco: Bom dia, nosso escritório ele tem essa expertise de sustentabilidade na arquitetura, então nós fomos contratados diante dessa licitação que nós viemos a ser contemplados para atender esse projeto executivo da sede do parque e também a coordenação dos projetos complementares, que são os projetos de tratamento de efluentes, captação de água de chuva, a energia foto voltaica, a estrutura do edifício. Nós procuramos colaborar com a nossa expertise para o máximo de sustentabilidade na construção do edifício e também na manutenção dele, então isso passa pelas escolhas de materiais, também isso não chocando com o partido arquitetônico original que veio do DEPAVE, então nós tínhamos que fazer esse detalhamento, propor soluções em sustentabilidade e manter o projeto original até se conseguíssemos ressaltar esse partido arquitetônico ainda e não suprimi-lo quando nós começamos a colocar esses quesitos de sustentabilidade. Então esse processo foi interessante, porque nós fomos trocando aqui com o pessoal do DEPAVE sobre esse conceito



original como nós poderíamos ressaltá-los com a sustentabilidade e não suprimi-los, a edificação tem esse caráter de estar lógico, nós não temos a ingenuidade que isso vai ter um impacto zero, impossível quando nós falamos de construção civil qualquer construção civil impacta mesmo, então nós tentamos minimizar esse impacto, mas a idéia principal é que quando o visitante ou pesquisador, o cidadão chegar nesse edifício, nesse local, na sede é imaginar como se o edifício pousou ali, então por isso que ele está totalmente solto, envidraçado na maior parte dos usos coletivos para ter essa idéia de ressaltar a natureza e não o edifício. Soluções técnicas tiveram muitos desafios do próprio solo do local pela característica histórica dele, geológica, apesar de nós ainda não termos comprovado cientificamente o meteorito tudo, apesar de ter indícios claros, o fato é que a soldagem mostrou um solo extremamente mole, então uma característica muito diferenciada de solo mesmo, então ele tem todo um sistema que vai ter que ser muito bem construído de estacas flutuantes, porém essas estacas saem do solo que são essas e nivelam o edifício, a intenção do partido original era fazer esse edifício em madeira justamente para ficar composto com a natureza que está a sua volta, porém nós interpretamos que o melhor material para fazer essa transposição da fundação de concreto para madeira, seria uma mesa, que nós chamamos mesa de metal, então tem toda uma base aquela laje, toda essa grade aqui, essa laje vamos dizer assim, não é uma laje, mas é como se fosse uma mesa, ela é toda em estrutura metálica, então ela transfere todos os esforços que eventualmente vão poder acontecer, porque esse solo é totalmente instável, então com o tempo esse prédio pode ir mexendo, porém ela como tem uma estrutura muito boa de ligação, porque o metal trabalha muito bem as duas forças compressão e tração, ela transfere para a madeira, então nós temos aqui para baixo concreto, essa linha metal e tudo que é para cima é madeira, então daí sim a madeira tirando a questão da umidade que a Elaine já também colocou, então a madeira está acima do solo e acima dessa umidade que fica perto do solo, então a conservação dela vai ser muito boa. Bom, aqui tem uns detalhes técnicos que nós podemos antes de entrar aqui, então essa madeira ela foi especificada para obviamente fonte legal, certificada, na maior parte do uso dela reflorestada, então não está sendo usado madeira amazônica para fazer a estrutura, então toda essa viga é uma viga laminada, então isso aqui não é uma tora que foi deixado nessa curva, isso são feitos com lâminas de madeira colada, então um sistema muito interessante, porque elimina a necessidade de vários pilares aqui, porém usa partindo do desenho da curva e fazendo isso com lâminas de madeira, então se usa pouca madeira para vencer um grande vão, então todos os pilares, vigas principais, vigas secundárias, os painéis, toda estrutura interna do edifício é com essa madeira reflorestada, certificada, legal. Em alguns casos específicos, por exemplo deque, nós sabemos que tem madeiras muito boas, que são muito melhores que o eucalipto, o eucalipto se prestou para isso, para fazer essas estruturas, porque ele é reflorestado, então tem um caráter que não precisou viajar o Brasil inteiro e nem mesmo que vindo de uma fonte legal ali do Amazônia, também evita esse desmatamento ali no Amazônia, porém alguns usos nós sabemos que o eucalipto não é a melhor madeira, por exemplo para fazer o deque, então aí sim foi especificado madeiras que tem um caráter de manutenção e durabilidade muito elevado, que são amazônicas, mas essas sim certificadas, mas foram usadas com um preciosíssimo e como um rolex, e não como o arroz com feijão da obra. Também isso foi um aditivo que surgiu no contrato e se viu a necessidade de ter um espaço principalmente para refeições fora do edifício sede, são dois quiosques, então aí nós especificamos um material ainda mais sustentável que a madeira, que é o bambu, que é uma expertise que nós temos a de construção com o bambu auto clavado, então aqui nós temos duas espécies que podemos usar, que é o bambu mosso, que tem até na região de Parelheiros e o bambu guardo que esse teria que vir de uma outra região, porém um bambu mais resistente, mas tanto um quanto outro, uma condição desse tipo é totalmente viável, então aí nós temos uma opção a mais para mostrar ao visitante também esse material, nós achamos uma oportunidade interessante já que o edifício, a sede vai ser, além de uma sede, além de todo um caráter de conservação de pesquisa, também ela própria, um mostruário de tecnologias ecológicas e menos impactantes, mais sustentáveis, então nós achamos uma boa oportunidade especificar o bambu para os quiosques. Aqui alguns detalhes das paredes, então o edifício não tem paredes de alvenaria, quando nós estávamos fazendo todo o levantamento de que materiais poderiam ser utilizados no edifício, pensou-se em materiais de alvenaria menos impactantes que o tijolo cerâmico ou o bloco cerâmico, são altamente impactantes, não na construção, mas toda cadeia produtiva deles, então nós pensamos até no tijolo solo cimento, pau a pique, aí nós vimos que até aquelas questões



de umidade, não seriam mais adequados aqui no edifício, então nós voltamos para os painéis de madeira e placas cimentícias, então essas placas cimentícias são feitas internamente, o que é essa placa cimentícia? É misturado celulose, polpa de madeira, com elementos de cimento, isso são prensados as placas, que é pintado e isso fica como uma parede normal, pelo lado de fora vai ser usado o lambril de madeira, então o aspecto externo do prédio fica totalmente em madeira e por dentro fica como se fosse parede, mas também não é uma parede, é uma estrutura leve e que não vai sofrer com umidade. Aqui é uma idéia geral do conjunto, então nós temos o principal que é o edifício e todos os sistemas que compõe, aqui é a caixa d'água, os dois quiosques, aqui são as externas, o reservatório da água de chuva com uma saída para um lagozinho, aqui nós temos sistemas descentralizados de tratamento do esgoto dos efluentes conforme a especificação desse efluente, então uma água que sai de uma torneira, que a criança lavou a mão é totalmente diferente da água que sai de um vaso sanitário, então cada um vai para um sistema diferente, um o sistema de tratamento é muito leve, muito brando e eficiente e o outro já precisa um tratamento um pouco mais pesado, mas sem química, que nós vamos falar um pouco agora. Então esse é o sistema leve, vamos dizer assim, conhecido como círculo de bananeiras que aqui vai, não existe um central desses, então por isso que é descentralizado, então cada pia tem o seu, então garante que é um sistema bem eficiente, porque ele tem pouca demanda de tratamento, então esse sistema ele é muito simples de ser feito e vai atender cada pia independentemente, então nós temos se eu não me engano 4 desses sistemas no projeto, 4 espalhados ali no paisagismo. Então a principal planta é bananeira, mas podem ser usadas plantas que estão ali no próprio local, que nós vamos remanejar e que também vão ser usados plantas principalmente que trabalham muito bem com a umidade do solo, então elas puxam muito essa água. Esse é o sistema simplificado do tratamento de efluentes, então nós vamos ter um tanque e um filtro anaeróbico, quase como um biodigestor, mas não é um biodigestor, porque não produz gás, mas ele vai funcionar mais ou menos igual, depois disso ele vai para um sistema conhecido como wetland, ou o banhado construído, que é feito com plantas aquáticas, depois disso ele vai para uma evapotranspiração e infiltração do solo, então esse sistema é um sistema controladamente eficiente e que foi especificado também para evitar principalmente mostrar para a população local que por mais que não tenha um fornecimento de esgoto ali, não passa uma rede da SABESP de esgoto, mas mostrar que é possível sim tratar o esgoto de maneira de baixo custo, porque não é um sistema caro, nós poderíamos ter especificado nesse projeto esse mesmo sistema comprado, porque tem empresas hoje que vendem esse sistema ou com tanques de polietileno e todo... Mas nós preferimos especificar e o engenheiro Guilherme que projetou esse sistema, projetou ele em alvenaria construído com uma pessoa do sítio do lado quisesse fazer, há eu quero fazer, mas não tenho dinheiro para ir comprar, ele vai ver na própria sede como ele pode fazer. Então a idéia é, não nessa etapa, mas para uma etapa posterior do projeto de implantação do parque, que a própria comunicação visual nesse paisagismo, nesse entorno da sede, mostre claramente até para uma pessoa sem um monitor do lado, olha aqui é construído assim que legal, eu pensei que fosse um tanque de plantas, que a pessoa que vai estar passando aqui do lado vai ver papiros, o próprio lírio do brejo que tem ali bastante, só que ele vai ver dentro de um tanque, ele vai pensar até que é um paisagismo e na verdade é o tratamento de esgoto que está ali. Mudando um pouco, eu acho que não vai mais ter slide sobre água só para falar da água, também todo aquele edifício ele tem mais de 300 metros quadrados, toda água daquele telhado vai ser coletada e armazenado, e boa parte do sistema de funcionamento do edifício vai contar com essa água, então não é que ele está ali como um becape, ele está ali sendo usado. Para onde? Principalmente para a descarga dos vasos sanitários, então obviamente tem um sistema becapec e um dia o sistema falha, vai utilizar água potável para isso que vem do poço, então nós especificamos um poço também, porém o sistema de águas de toda a descarga dos vasos sanitários é com a própria água de chuva. Aqui o outro é aquele marco de entrada, porque uma coisa que nós não conseguimos nesse projeto, são aqueles paradoxos da sustentabilidade que a Elaine estava falando, então tem ícones da sustentabilidade na edificação, um ícone da sustentabilidade na edificação o que é? Sistema de aquecimento solar para a água para o banho e aqui nós não colocamos, pôxa! Um projeto sustentável não ter, porque? Por que não tem sol no edifício, tantas árvores em volta, nós colocamos ali, nós consultamos um engenheiro, ele veio e fez um cálculo e ele falou assim: Vai ter sol na placa pelo menos de duas a três horas por dia inviabiliza o sistema, então por isso que lá nós fizemos um sistema a gás, então o sistema de aquecimento de



banho, o principal é a gás e o becape elétrico, porém nós queríamos ter essa questão solar, porque se o edifício também tem esse caráter didático e educativo do próprio edifício, então surgiu a idéia de aproveitar a energia do sol para transformar em energia elétrica como? Então aí sim, porque a questão de aquecimento solar para água, ela tem uma condicionante muito séria que é aquecer a água, então as placas solares na verdade sempre estão cheias de água, então nós não podemos colocar isso acima das copas das árvores, porque seria uma perda enorme nós termos que subir a água ali as vezes a 12 metros de altura para descer essa água quente, perde toda, ela chega fria em baixo, então para a água estava descartado o uso da energia solar, porém para funcionar uma energia elétrica, para transformar ela em energia do sol e energia elétrica que é o painel foto voltaico, sim era possível, até nós fizemos essa idéia compondo o partido original que veio do DEPAVE, que era marcar a entrada do edifício com um monumento para se chamar a atenção de quem passa na estrada já que o edifício está lá dentro escondido e mimetizado na natureza, conseguiria um marco obviamente não agressivo harmônico, mas olha acontece alguma coisa aqui para quem não sabe que está o parque ali, então veio essa idéia e casou com esses dois momentos de transformar as placas foto voltaicas que elas não estão desenhadas, mas estão aqui, elas vão ficar em cima desse suporte e essa estrutura é uma estrutura metálica, que a idéia não é imitar as árvores e sim fazer uma homenagem as árvores, nós poderíamos fazer esses postes retos e nós fizemos eles e chamamos de árvores solares, então nós fizemos esse sistema mais orgânico quando elas chegam e nós imaginamos isso como uma homenagem ali a natureza que está em volta, mas destacando que ali acontece algo diferente, então está acontecendo a sede do parque, um centro de pesquisa, um centro de visitação. Obrigado.

Elaine: Então nós tentamos fazer uma apresentação geral do projeto, tem ele mais em detalhe, todas as peças técnicas do projeto executivo e o projeto, a implantação da sede, então nós estamos orçando na verdade a edificação com a implantação da caixa d'água, o sistema solar, todo os deques que são de acessos, que estão acima, o tratamento de esgoto, os dois quiosques, as externas, todo esse conjunto e aí nós temos um item muito pesado de orçamento que é exatamente o item da fundação, as estacas, a profundidade eu acho que nós poderíamos até pegar o projeto para só colocar... Foi um item muito pesado do orçamento e que todo esse conjunto o valor foi R\$ 1.000.119.000,00 para implantação de todo o conjunto com todos os equipamentos dentro disso está a parte de lógica e telefonia que já tem que está no projeto da implantação, porque o lugar é bastante afastado, então na verdade esse é o projeto. Acho que abre para dúvidas, perguntas, eu e o Francisco podemos responder.

Coordenadora Helena Magozo: Então está aberto para o questionamento, qualquer dúvida dos conselheiros, observações, está aberto. Eu queria só avisar uma coisa para vocês que eu me esqueci no começo, me desculpem, o secretário pediu para justificar a ausência dele, que ele estava em um encontro da FIESP, por isso que ele não está aqui com vocês hoje. Fala no microfone, por favor, Zânia.

Francisco: A área construída do edifício é por volta de 330 metros quadrados, só do edifício, ainda tem os 02 quiosques que geram em torno de 80 metros quadrados os dois juntos, caixa d'água, poço, tratamento de efluentes, e tem as partes de circulação que são os deques que vão se crescer a isso também.

Cons. Zânia: E a capacidade, quantas pessoas comportam esse espaço?

Elaine: De pesquisadores dormindo no local, são 06 pesquisadores, mas a sala ela comporta até 12 pesquisadores, você tem 6 que vão ficar no local e você tem mais 6 que na verdade são até 6 pessoas fixas da administração e manutenção, segurança e a parte de apoio para educação ambiental, ela



imaginou na verdade um ônibus, esse foi o critério, na verdade o espaço se você for ver ele comporta mais do que 40 pessoas, 40 crianças, porque depende da forma como você for organizar o espaço, o que nós imaginamos foi na verdade aquela condição de roda de círculo, você teria 40 pessoas, mas isso ele pode aumentar dependendo da forma como você ocupar o espaço, esse na verdade já foi, esse dado o número de pessoas foi um dado inicial que a DUP que passou imaginando o programa do parque.

Cons. Zânia: Eu não entendo nada na questão de dimensão, foi o que me chamou mais atenção, me pareceu muito acanhado, muito pequeno, enfim eu acho que é uma coisa que tem que ser pensada, porque a idéia é ocupar o lugar e trazer o maior número de atividades na sua pesquisa, mas acho que a população ocupar esse espaço e conhecer a melhor forma de preservá-lo, então eu acho que um ônibus é muito acanhado.

Elaine: Mas eu queria que a Anita colocasse até porque quando nós fazemos o parque urbano, nós pensamos exatamente nisso. No parque natural a filosofia é outra e eu acho que a Anita é a melhor pessoa para colocar isso.

Anita: É importante nós pensarmos nesse parque, talvez nós devêssemos ter incluído isso na apresentação no contexto de criação e implantação de áreas verdes nessa região, nós temos uma série de parques lineares e outros parques naturais sendo criados ali muito próximos, por exemplo, os 4 do Rodoanel, então essa população que vive ali na verdade ela vai ser distribuir em atividades em todas essas áreas, são 4 parques e totalizam 1.200 hectares, mais 2 parques lineares próximos do Cocaia e mais para cima, o Caulim ali próximo, então as pessoas vão se distribuir bastante nessas áreas, mas o objetivo desse parque como nós colocamos bem ele tem restrições de uso e restrição inclusive de circulação de pessoas nas áreas de vegetação, essa área é uma área muito frágil do ponto de vista da vegetação e é uma área de várzea prioritariamente, nós tivemos dificuldades inclusive no momento de elaboração do plano de manejo, que estabeleceu o zoneamento de estabelecer áreas onde nós de fato pudéssemos ter um afluxo de pessoas sem que houvesse uma compactação do solo, da vegetação e tudo mais, então nós vamos ter uma implantação de trilhas bastante acanhado, porque o objetivo primário desse parque é a preservação, a visitação ela vai servir sempre como educação ambiental, então a questão de 30 é o seguinte, por exemplo, você pode ter 2 ônibus na área, 30 pessoas na situação de aula ou em uma questão mais dentro da sala de aula, algumas pessoas podem estar nas trilhas e você circular, mas o objetivo não é você receber... Digamos que você receba 60 de manhã, mas 60 a tarde, nunca mais do que isso, ele tem restrições, como é um parque estadual, o que nós conhecemos em São Paulo, na serra do mar, tem núcleos que nem tem abertura desse tipo que nós estamos pretendendo fazer aqui e o plano de manejo veio confirmar o que os técnicos já pensavam, é uma área muito frágil, o objetivo dele é preservar e trabalhar muito com essa comunidade que está ali em volta de entender a importância dessa área e foi muito gratificante nos trabalhos das oficinas do plano de manejo, que as próprias pessoas da comunidade só apontaram atividades desse tipo, entendendo muito disso, é uma área singular voltada para a preservação e que não é um parque para se jogar futebol, irem 100 pessoas, porque a área não tem suporte para receber esse número de pessoas, então na verdade esse parque tem um contexto todo de inserção das áreas verdes locais, tanto dos parques naturais do rodoanel, dos parques lineares Caulim, Cocaia, e as duas APAS que existem ali próximas inseridas na APA Capivari Monos, tem uma série de atrativos nas propriedades particulares ali existentes e na APA Bororé a mesma coisa, então na verdade existe um planejamento para utilização dessa área com relação a visitação, então é nesse contexto que nós pensamos, é um parque pequenininho, se você for pensar 53 hectares são 530.000 metros. Vegetação sem ser essa área que era uma clareira e tinha alguma coisa quando nós colocamos que nós tivemos que pensar muito aonde alocar a sede, a maior parte é vegetação, com toda a fragilidade que nós estamos colocando.



Cons. Zânia: Tem uma ocupação irregular que a idéia é consolidar essa ocupação, não é isso?

Anita: Não é a nossa idéia, isso é uma questão de uma contingência política econômica, isso começou na década de 80, isso só foi crescendo desde então, a secretaria sempre teve um papel, nós apontando junto com a SABESP, as áreas de primeira categoria antes da Lei de legislação de mananciais anterior, agora existem as Leis específicas, mas o que aconteceu é que é um movimento popular muito forte do poder público também estadual como municipal, por determinações as vezes até do Ministério Público, foi dando suporte a essa ocupação, infelizmente com escolas, existem 3 escolas na área, 2 estaduais e 1 municipal, posto de saúde, enfim, nós com certeza tecnicamente, não desejaríamos que aquela ocupação estivesse lá, mas são aquelas dinâmicas complicadas dessa região que vieram bastante na década de 80, nós inserimos essas pessoas na discussão, hoje existe um programa da Prefeitura que é o "Defesa das Águas", que pretende um congelamento dessas áreas de ocupação, então é feita uma fiscalização pela guarda civil metropolitana e os agentes de controle ambiental da secretaria para esse loteamento, ele está congelado em expansão de área, então ele não está mais se expandindo além daquela área para área de mata que existe ali em volta, é um vizinho eu diria não o melhor, não deveria estar ali, assim como não deveria estar o presídio que é da década de 90 extremamente complicado e nós enquanto secretaria tentamos na nossa forcinha, tentamos sempre que essas coisas melhorem, inserindo as pessoas na discussão, tentando essa remoção das áreas que estão as pessoas que estão nas áreas de APP, mas você sabe a dificuldade que nós temos desses processos, porque a secretaria não comanda isso, tem habitação, tem o Governo do Estado ali, porque é uma área de proteção dos mananciais, está dentro do parque.

Elaine: O perímetro do parque é o que está em verde naquela foto, você vê a ocupação, ela está ao norte a cratera é tudo, a cratera na verdade é esse círculo e colocando a imagem, essa é a invasão e esse aqui é o presídio e o parque na verdade ele está aqui, tem até os planos de expansão do parque que a Anita colocou, mas a invasão está fora do perímetro do parque hoje.

Cons. Eduardo: Primeiramente parabéns, gostei muito da estrutura, eu acho que não é questão de questionamento, só realmente uma opinião, eu acho que a estrutura está perfeita e partindo um pouco dessa opinião com relação a demanda digamos se você já tem idéia se agências de pesquisa, tanto universidades como privados se eles realmente já partiram desse interesse de pesquisa, escolas, como seria essa conscientização e educação ambiental para essas crianças.

Anita: Nós no âmbito da elaboração do plano de manejo e isso foi levantado já existem uma série de estudos científicos, monografias de mestrado, de doutorado, de conclusão de curso da Universidade de São Paulo, da UNISA sobre a cratera de colônia em si, sobre a questão ambiental, sobre a questão de ocupação e existe um trabalho muito sério da Secretaria do Verde, eu estava até conversando com a Márcia isso agora pouco, o DEPAV 3, que é a nossa divisão de veterinária e o herbário que também é ligado a nossa divisão, tem um trabalho muito grande de levantamento de fauna e flora nessa região e uma dificuldade de permanecer, pernoitar nesses locais, quem estuda pássaros deve saber, precisam acordar muito cedo e ali nós não temos nenhum equipamento público implantado ainda que pudesse receber esses pesquisadores em uma situação de segurança que o parque apresenta e tudo mais, então isso seria uma oportunidade, nós poderíamos potencializar esses estudos que existem agora e por conta dessas dificuldades de alocação vocês sabem que até lá, dependendo do trânsito você demora mais de 1 hora e meia, 2 horas para chegar até lá, então as vezes você não consegue chegar no horário adequado para observar aquele animal, nós tivemos isso muito claro no plano de manejo, as equipes que foram contratadas pela empresa, elas tiveram essa dificuldade, eles mesmo chegar lá, gastam o dia todo para fazer qualquer atividade lá, é claro que um trabalho com as escolas foi bastante levantado, é o que nós pretendemos, é a forma de acessar essas comunidades inclusive desse loteamento, eles participaram muito do plano de manejo, teve o programa de educação ambiental que também foi puxado por furnas que trabalhou com essas escolas do entorno e trabalhou



com a questão do parque, existe um material elaborado, não é Lucia? Um livro elaborado pelos professores dessas escolas que foram trabalhadas durante 2 anos por esse programa de educação ambiental, então as coisas caminharam juntas, foi uma determinação do próprio Ministério Público que nós tínhamos que fazer esse trabalho de sensibilização da comunidade inicial para entender o que era aquele parque e um resultado bacana, que nós entendemos que as pessoas não tinham essa demanda: Não, mas eu queria que tivesse um campo de futebol, eu queria que... As pessoas entenderam os objetivos, a importância do que é o trabalho em campo de observação de aves e tudo, perceberam uma oportunidade interessante, inclusive econômica de potencializar esses sítios em volta, de ofertar serviços de alimentação, talvez de hospedagem no futuro para essas pessoas que estão em um parque pequenininho inserido em uma área enorme, que é a própria APA Capivari Monos que tem 251 km quadrados.

Cons. Ferrua: Eu tenho uma observação a respeito do custo nisso aqui, esse custo de R\$1.000.119.000,00, que vocês estimaram nisso aqui, francamente falando, para uma estrutura nesse porte é muito alto e acho que é devido ao fato de vocês terem escolhido por razões de manejo um verdadeiro pântano, você me falou em 40 estacas? Em 40 metros de estacas? Bom 40 metros de estacas é algo assim, o único lugar que eu vi alguma coisa parecida foi na COSIPA.

Francisco: A sondagem com certeza foi mais de 40 metros para atingir um solo que...

Cons. Ferrua: Um solo sustentável.

Francisco: Sim, mas a estaca eu vou pesquisar e dou essa informação.

Cons. Ferrua: Acredito eu que algo como uns 40% ou 50% do custo total, é devido a essas estacas, 25? Chutei demais então, mesmo assim nós estamos falando de um custo de R\$ 250.000,00 só de estacas.

Francisco: A planilha orçamentária está sendo feita uma padronização agora para EDIFI e SIURB, então estão sendo avaliadas algumas questões, mas lembrando que como um projeto de sustentabilidade, ele não necessariamente é mais barato, porque envolve investimento no tratamento de efluentes, na captação de água de chuva que o edifício convencional não tem, por exemplo, também um poço que não tem fornecimento da SABESP de água, então tem vários equipamentos que estão colocados nesse orçamento que não dá para avaliar como sendo parte de um edifício convencional, então a um projeto convencional está acrescido disso, a própria especificação de uma madeira certificada, nós sabemos que ela tem um custo mais elevado que uma madeira normal que nós vamos e compramos ali em uma loja de esquina. Então isso tudo vai crescendo também nesses valores e não são desprezíveis esses acréscimos, logicamente nós temos que fazer uma avaliação sistêmica desse investimento nesse quesito dos equipamentos de sustentabilidade, não só pela economia que isso pode gerar na vida útil do edifício, mas sim com esse caráter educativo também.

Cons. Ferrua: Eu concordo com você, acho que é isso mesmo, a coisa que eu vejo a minha maneira de ver é o seguinte, retorno sobre o investimento, nós estamos gastando aproximadamente R\$ 1.000.119.000,00 e eu quero ver, eu não consegui entender direito, muito bem, eu acho que o tempo foi exíguo inclusive para isso, o que nós vamos auferir daí?

Coordenadora Helena Magozo: Isso é importante.



Cons. Ferrua: O que nós vamos ganhar?

Coordenadora Helena Magozo: O valor ambiental do empreendimento, nós podemos fazer uma...

Cons. Luis Ferrua: Nós estamos gastando uma quantidade correspondente, aproximadamente, um grande chute, em torno de 10 projetos aprovados aqui do CONFEMA, que é de R\$ 100.000,00 cada um.

Coordenadora Helena Magozo: São projetos de educação ambiental que envolvem basicamente recursos humanos durante 1 ano, é diferente, cada um tem seu valor característico.

Cons. Luis Ferrua: Eu não me convenci claramente, sobre o retorno desse investimento, eu estou falando aqui, você me desculpa, eu acho que eu sou o único não funcionário público dessa mesa, o único empresário dessa mesa, então eu estou analisando sobre o que nós vamos ganhar com isso. Tenho um pouco de dúvidas... Eu gostaria muito mais que fosse investido uma quantia correspondente na preservação do que aí está, nós temos certeza absoluta que essas pressões que foram detectadas por vocês no sentido de invadir esse remanescente, elas vão se tornar cada vez mais difíceis de serem controladas. Então na minha opinião, segurança desse parque, a tentativa de torná-lo inviolável, é mais importante em minha opinião do que fazer uma estação, vamos chamar assim, acho que em grandes palavras se poderia dizer que é uma estação de pesquisa, porque esse parque se não for dado essas providências que falei agora, ele está fadado a desaparecer, a sumir.

Coordenadora Helena Magozo: Luis Ferrua, dá licença só um pouquinho. Lembra que eu conversei com vocês a respeito de ter sido apresentado anteriormente o projeto, o contexto que ele foi apresentado anteriormente, que eu acho que do meu ponto de vista, nos ajuda a estarmos refletindo sobre as questões que você está colocando. Em um outro momento, ele apareceu e estava no conceito da secretaria e de quem apresentou aqui, como um instrumento para monitoramento da área, tem formas e formas de nós monitorarmos, há uma crença às vezes de que um sistema de segurança dá condições per si para essa garantia, há outros conceitos da necessidade, da presença do mínimo de equipamento do Estado para que isso possa ser feito de uma maneira educativa e de uma maneira modelar não no sentido de exemplo, modelar como sendo um modelo de gestão que possa ajudar na manutenção do externo também. Esse não é um parque que está sendo criado, até em resposta pelo que a Zânia colocou, mais um parque para uso da população como os outros, não é isso, ele é um parque que o fundamento dele é a preservação, está se acreditando que a implantação desse parque é a condição para isso. Então eu acho que é importante a ponderação dos conselheiros sobre este outro modelo, uma outra possibilidade de parque.

Cons. Luis Ferrua: Eu concordo com essa sua colocação, inclusive eu também vi sobre esse aspecto, eu considero que a introdução de uma sede dessa maneira que nós temos colocado é uma maneira de nós preservarmos esse parque, eu entendo dessa maneira também, entendo que colocando uma sede lá e colocando uma placa aqui no centro de estudos é uma maneira que nós tenhamos de informar a comunidade e informar os vizinhos, que esse parque está sendo preservado, eu entendo assim. Porém o que eu não tenho certeza pelo fato de vocês terem maiores condições do que eu, é que se realmente essa colocação nisso é a melhor maneira de fazermos essa preservação, essa é uma incerteza minha, não quer dizer que vocês não estejam certos e eu esteja errado, eu somente, na minha cabeça raciocino o seguinte, vou gastar R\$ 1.000.119.000,00, por alguma coisa que eventualmente não vai servir para o fim que ele se propõe, que é no fundo a preservação desse parque. Então é essa a minha dúvida.



Coordenadora Helena Magozo: Uma coisa que eu acho importante, eu acho que vocês, técnicos podem estar complementando melhor que eu, mas uma coisa que eu acho importante é o seguinte, quanto custa hoje sem esse parque? De que forma nós poderíamos estar garantindo essa segurança, quanto custaria, eu estou falando porque o custo da segurança em si, pessoal é altíssimo, isso já existe de uma certa forma lá, não tão bem estruturada, então a crença é de que há um outro modelo para se atender melhor a isso e se precisa de uma base para isso, não há condição sem essa base, não precisa ser exatamente essa, mas é uma base, é necessária para isso, então existe esse pressuposto.

Anita: Nós temos, por exemplo, um parque na zona leste, que é um parque natural que está a implantação também, os contratos de vigilância eles vão existir, porque isso é uma obrigação da Secretaria do Verde, só que esses vigilantes não existem uma condição trabalhista dessas pessoas terem um local para estarem, enfim, para poderem utilizar sanitários, para ter uma cobertura, enfim, essa é a questão trabalhista inclusive das empresas para você poder ter a vigilância neste local, essa é uma exigência. No parque do Carmo nós tivemos que construir uma série de abrigos para esses guardas, em uma condição super complicada, eles estão usando o banheiro do planetário, enfim, a sede permite inclusive isso que a vigilância de fato esteja lá, para vocês terem idéia de custos, a vigilância desse parque natural do Carmo custa por ano R\$ 2.000.000,00, só a vigilância por ano, imagina uma sede R\$ 1.000.119,000,00, imagine que seja com manutenção e tudo perpétua. Então eu acho que o importante que nós temos que pensar é o assim, nós estamos fazendo um parque diferenciado, voltado para a preservação, para a educação ambiental e para o ecoturismo, não é um parque como o Ibirapuera que evidentemente tem uma importância imensa, utilizada pelo município inteiro, ele está sendo criado com objetivo diferente e com características diferentes, em um local diferenciado e é por isso que nós pensamos que ele não poderia utilizar um projeto como era implantado nos outros parques, porque tem que está relacionado ao objetivo dele, se o objetivo dele é preservar e educar as pessoas sensibilizando-as com relação a essa importância, nós pensamos que esse projeto tem que ser um modelo sim, é por isso que nós investimos nisso, nós temos introduzido nessa questão uma nova, prática, inclusive junto ao DEPAVE, temos visitado outros parques estaduais, outras unidades, reservas particulares que utilizam esse tipo de construção, porque no futuro nós vamos precisar disso sim, nós sabemos que isso é uma pressão enorme sobre os recursos naturais, a utilização da água, nós precisamos sim ensinar as pessoas a reutilizarem de forma barata, utilizar a energia solar sim e esse é um objetivo de um parque como esse, porque se não ele poderia estar aqui do lado do Ibirapuera, não no lugar onde ele está, então é por isso que nós concebemos um projeto diferente que pode custar R\$300.000,00 a mais que um parque convencional, mas com certeza o retorno disso vai ser muito maior, principalmente para sensibilizar essas pessoas que estão lá e da cidade que vão ver uma situação diferenciada.

Coordenadora Helena Magozo: Elaine, depois a Cristina que estão inscritos e depois o Léo.

Elaine: Eu queria na verdade colocar um pouco essa questão do custo da preservação, porque durante esse processo, nós que estamos lá fazendo o projeto de parque, nós aprendemos muito com o pessoal da Anita e eu acho que foi um aprendizado que nós trouxemos isso para os nossos projetos, os nossos parques tradicionais, eles tem um custo de implantação e aí dependendo da área, da quantidade de equipamentos que ele tem, entre R\$ 1.000.500,00 e R\$ 5.000.000,00, essa é mais ou menos a média do custo de implantação desses parques e o parque em si nós discutimos bastante isso, que na verdade ele tem a função ambiental, tem a função social dele e ele tem que ser em si um equipamento de educação ambiental, isso é a função de todos os parques. Aqui a questão ambiental ela é muito mais preponderante e na verdade a localização do parque, nós vistoriando a área, eu acho que em 2.007 eu nem sei quantas vezes nós fomos nessa área, tomou muita chuva, passou muito frio lá, ficou super gelado e nós por exemplo, quando nós pegamos a Estrada da Vargem Grande nós chegamos a ligar e falar: Olha está tendo uma ocupação agora na estrada para a subprefeitura, para o pessoal ir lá tirar a invasão, ou seja, é uma área que é uma área frágil, é uma área onde a presença



do poder público ela é muito pouca e o parque, com o objetivo que o parque tem de preservação e criando uma estrutura de educação ambiental e o projeto se preocupou com isso, a Arque Domus que ganhou a licitação para o desenvolvimento do projeto, acho que veio somar isso apostando no termo de referência, eu acho que se aprofundando nisso o parque vai ser a grande presença do poder público. A questão da sustentabilidade e da edificação que faz com que o projeto ele tenha um valor maior, isso está sendo transferido para os nossos projetos de parques urbanos, hoje nós estamos contratando todos os projetos da borda da Cantareira, dos parques da borda da Cantareira e parte do termo de referência é muito parecida com o projeto da cratera com que nós aprendemos no desenvolvimento desse projeto, então eu acho que é um passo que nós pretendemos não voltar para trás, de nós termos os parques como a edificação como modelo mesmo de sustentabilidade tentando popularizar essas tecnologias e se preocupando com a forma como isso está implantado. A escolha da área, eu acho que ela foi na verdade a escolha possível por conta de como você entrar em uma área de mata e achar... Na verdade que quando a clareira definiu o projeto, o pessoal estava procurando lugar, mas quando achou a clareira falou: Olha não tem outro lugar, é aqui, tem eucalipto que não é nativo, o manejo desse eucalipto é bem mais tranquilo e você tem um número bem menor de espécie, não sei se foi até a Anita que colocou que inicialmente foi pensado em outras propriedades aqui e encontrar essas propriedades para transformar em uma sede e isso se mostrou inviável por conta da própria regularização da documentação, das áreas do entorno, do custo, pelo tamanho das propriedades e tudo mais. Mas uma coisa que eu queria destacar, é que a presença do poder público nesse local, porque nós poderíamos fazer como nos parques tradicionais, é gastar uma fortuna para cercar tudo e a cerca vai expandindo, mas na verdade não é uma coisa para ser internalizada, mas para ela ser externalizada, então esse pontinho vermelho aqui do você está aqui, que essa imagem nós tiramos lá da placa do início, na verdade a educação ambiental aqui e aí o próprio plano de manejo já fez contato com as escolas, já fez contato com que comunidade vai ser atendida, que público inicial vai ser o público alvo desse projeto de educação ambiental, isso aqui na verdade vai expandir um conceito de preservação e eu acho que um conceito nesse local já existe que é o das pessoas que moram aí, que produzem aí, já valorizam a sua paisagem, elas não querem campo de futebol, elas não querem quadra, elas querem valorizar o que ela tem, e eu acho que é por esse viés que a educação ambiental vai trabalhar para expandir o conceito da preservação e aí limitar isso daqui, para que isso aqui por mais que tenha esses problemas sociais e que isso aqui hoje a idéia é a consolidação e não há retirada dessas famílias, que isso aqui não avance nessa ocupação de uma área que é tão rica para nós e se nós formos ver a riqueza dessa área, a importância dessa área para pesquisa e para estudo e a importância da implantação da sede como presença do poder público e como aumento da fiscalização e aí a fiscalização não é só do parque e como divulgação desse conceito de preservação e dessa educação ambiental, desde criança e desde velhinho, eu acho que esse é o valor do retorno que nós temos e eu acho que hoje, eu não sei se nós conseguiríamos fazer essa conta de qual é o valor da preservação dessa área e da influência que a educação ambiental vai ter nessa comunidade.

Cons. Cristina: Cristina da UMAPAZ 1, na verdade é só para complementar, o que a Elaine falou, eu ia muito nessa linha, eu acho que é importante nós lembrarmos, eu gosto sempre de me apegar as Leis, de onde aparece esse parque no Sistema Nacional de Unidades de Conservação, da Lei que eu não lembro mais o número 2.001, então existem 2 tipos de categorias de unidades de conservação, que são as de uso de conservação integral e a sustentável, a APA ela é sustentável 252.000 km, então é uma área muito grande e que na verdade para você monitorar e até pela própria categoria de APA, ela prevê todos os tipos de uso, inclusive residencial, se você fizer um plano de manejo e que você fale que lá vai ter residência, equipamentos, ok, se é uma área que está sofrendo pressão, eu preciso dentro dessa APA trabalhar com um parque, então é uma coisa muito bacana no nível municipal nós criarmos um parque que aí sim, é uma unidade restritiva de proteção integral. Então eu não posso ter nenhuma ocupação dentro dela por isso que foi a fala deles no sentido de ampliar essa área do parque, porque a imagem permite isso, então na hora que eu vejo essa imagem, eu percebo que eu posso trabalhar com uma ampliação desse parque e por Lei todo parque ele precisa ter um centro de visitantes, então se nós nos atentarmos ao que a Lei pede, então o que é



permittedo dentro de um parque natural? Nós podemos pegar qualquer outro parque, é mais fácil nós falarmos de parques nacionais que fica mais fácil, ninguém imagina, por exemplo, o parque nacional do Monte Pascoal no sul da Bahia, com uma visitação constante e permanente, porque é uma área natural de preservação de Mata Atlântica e ele necessita de um centro de visitantes que tenha uma conotação mais de pesquisas, então a implantação desse parque é dentro de uma APA, ela tem esse valor ambiental de preservação sim, porque o centro de visitantes e de pesquisa sobre tudo, vai ajudar a monitorar essa pressão, então se eu tenho aquele condomínio ali que é indesejado entre aspas, que aconteceu porque é uma área de 252 km quadrados dentro de uma APA e eu não tenho como monitorar isso freqüentemente, o parque e um centro ali do lado, eu consigo ter uma noção muito mais clara para conter essa pressão e daí a importância de se ter um centro de visitantes ou um centro de pesquisa dentro desse parque, um porque a Lei prevê isso e ponto, então está escrito na Lei quais são os permitidos para o parque dessa categoria e que tem que ter o centro e outro que na minha opinião é fantástico, o nível municipal, nós não estamos mais falando do federal, implantar um parque que logicamente tenha essa função de avançar esse crescimento, porque uma APA, a Anita é melhor do que eu para falar nisso, é extremamente difícil de se disciplinar, de se conter, porque ela é permissiva demais. Então eu acho que era só isso para acrescentar.

Coordenadora Helena Magozo: Léo, por favor, o Léo é técnico da DUC também.

Cons. Leonardo: Bom dia, na linha de tudo que já foi falado aqui, eu só queria acrescentar algumas coisinhas só, que vai na linha de tudo que foi falado já, que apesar do centro de visitante estar nessa área e tudo mais, mas ele não é um centro de visitantes exclusivo para pesquisa, ele abarca tanto pesquisa quanto visitação e eu acho que ele é o ponto fundamental aqui, porque não adianta como já foi falado, nós cercarmos a área, não ter nada, o centro de visitantes é a maneira dessa área estar integrada com todo o resto e de haver várias ações dentro dessa área para...

Coordenadora Helena Magozo: Léo, desculpe, só vou estar interrompendo, o seguinte, o Ferrua ele está precisando sair e ele quer deixar expresso o voto dele e eu não quero deixar qualquer dúvida sobre isso, ele disse que precisa ir para um exame e não tem jeito, ele é o nosso quorum hoje, desculpa Léo, porque eu queria que ele se expressasse, ele sai, o Léo continua.

Cons. Ferrua: Eu tinha proposto inclusive para nós adiarmos para uma próxima reunião a decisão final, mas acho que não é possível em razão da urgência, então eu vou deixar meu voto expresso de aprovação nesse projeto e desculpe-me, mas realmente eu tenho um hospital me esperando.

Coordenadora Helena Magozo: Léo, por favor, continua a vontade.

Cons. Léo: Só continuando, para falar que essa é a chance de nós integrarmos esse parque, que é uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, a todo o resto, vale lembrar que é a chance de você produzir um conhecimento local aqui e esse conhecimento, vai fazer com que todos aqui em volta, principalmente Vargem Grande, que é uma área que está consolidada, não vai sair daí, está recebendo bastante dinheiro público do parque e está recebendo esgoto, água, ou seja, eles vão continuar aí. Então é a chance que nós temos com pesquisa, com produção de conhecimento de qualidade, que aqui apesar de vocês verem que é a zona sul do município de São Paulo, nós conhecemos muito pouco ainda, acerca da biodiversidade, acerca até da sociodiversidade que tem aí no local, na região, então eu acho que esse é o ponto fundamental da presença dessa base, desse centro de visitante, centro de pesquisas, dentro do Parque Natural da Cratera. É isso só que eu queria falar.



Coordenadora Helena Magozo: Algum posicionamento dos conselheiros? Então nós podemos ir para a deliberação? Os conselheiros que são favoráveis a aprovação da "Implantação da Sede do Parque Natural Cratera de Colônia", levantem a mão. O Ferrua tinha antecipado o voto dele a favor, então **o projeto da "Implantação da Sede do Parque Natural Cratera de Colônia", está aprovado por unanimidade.** Eu queria agradecer a presença dos conselheiros, tem alguém que quer se manifestar? Agradecer a presença dos conselheiros e dizer que nós devemos ter reunião na próxima terça-feira, já devem estar chegando aqui para a deliberação os projetos do Edital FEMA N°08, voltados a agricultura orgânica. Eduardo, por favor, pode falar...

Cons. Eduardo: Como está o processo de avaliação dos editais 6 e 7?

Coordenadora Helena Magozo: Do 7, só estão faltando aqueles 2 projetos do Instituto Paulo Freire, que foi mandado uma carta para que a Secretaria da Subprefeitura se pronunciasse e nós não recebemos ainda o retorno dessa carta, então só faltam os 2, o 6 também já está esgotado e o que nós estamos é no processo de assinatura de convênio, não é um processo rápido, até na próxima semana eu vou pedir para a Márcia estar informando quantos nós temos até o momento, porque tem toda uma questão da documentação das entidades, dos próprios procedimentos que vocês estão vendo e tem um certo tempo para isso, nós temos então 60 projetos aprovados do 7, 13 no 6 e até o momento nós temos 5 convênios assinados. A questão da nossa execução, ficamos preocupados, porque nós já estamos em maio e a essa altura nós perdemos entre aspas metade do ano, até assinar para a execução e por isso o montante de recursos que nós temos, eu acho que é super importante termos projetos bem fundamentados e que nós tenhamos uma execução financeira melhor.

Cons. Eduardo: O FEMA 8 está em quantos projetos?

Coordenadora Helena Magozo: O FEMA 8, os projetos estão em avaliação, já terminou há algum tempo o recebimento, ainda não veio nenhum para a pauta, a partir da próxima reunião é que eles virão. Acho que aproximadamente 30 projetos foram apresentados e a partir da próxima reunião eles vêm aqui para a deliberação. Muito obrigada a todos e a todas.